



FRANCIS SILVA
Título: Vidas Negras Importam – Autorretrato, desenho e colagem 2020
dim: 40 X 30cm

SER CIDADÃ DO INFINITO

Uma Escrita de Artista em meio a Pandemia

Francis Silva – (artista visual, produtora e curadora independente)

2020 – 2021

Arez RN – Pelotas RS

I.	Iniciando uma conversa.....	2
II.	O tempo.....	4
III.	Dá para criar uma gênese ancestral?	9
IV.	Sou um povo – sou maior que uma pessoa	17
V.	Ser do infinito	22
VI.	Desintegração das origens	26
VII.	Novos jeitos de ser	27

Pelotas 07/07/2021

I. Iniciando uma conversa

Às populações mundiais, o aparecimento do Coronavírus altamente contagioso, lhes trouxeram um mundo esquisito e aterrorizante, principalmente para pessoas que não viveram a experiência de ter por perto e circulando, um dantesco letal e invisível. Um mundo estranho para aqueles que perderam seus amigos e parentes em pouco tempo.

Ouvimos rasgos no ventre do tempo, tempo que se ergueu com violência, abrindo fendas em seu véu, recolhendo cada pessoa em suas moradias ao redor do mundo naquele início de março/2020. A cada um coube a providência de usar as medidas protetivas como invólucro e barreira, para evitar o contágio, e os cuidados de não contaminar o outro ao seu redor. O agora barulhento, esvaziou, dando lugar a um véu silencioso e um tempo desacelerado. Contingentes de nações continuam em suas moradias e refugiados atrás do véu num ventre temporal. Conhecemos na pele as fissuras do tempo.



Francis Silva. Desenho pintura 2014 Dim: 100 X 67cm

Aos artistas, lhes coube criar novos ensaios para novamente voar e revoar sobre uma massa isoladora e escura que veio sobrepondo e fragmentando os processos poéticos. Uma dobra no tempo foi suscitada, interrompendo os fluxos cotidianos. Estremeceram os cotidianos de suas produções intelectuais e os objetos de cultura ficaram adormecidos. É preciso fazer um novo agora, é preciso fazer sentido as novas ideias e descobrir novos jeitos de ser, de agir e de existir para produzir novas narrativas.

Neste tecido pandêmico e atual, provocações como: pensar ancestrologias¹ e historiografias, surgiram como afetamentos que impulsionaram a consciência de como ser e estar num mundo. Fui encorajada a planejar fugas outras, dentro desse caótico agora, para um saber de meus antepassados. Uma vez provocada, os afetos encandeiam as camadas mais profundas de meu ser, desde alumiar o pertencimento afirmativo das etnias africanas, indígenas e europeia. Uma cosmologia ancestral. Essa busca ancestral é ativada por me entender como um corpo sensorial, de atravessamentos múltiplos das memórias, dos sonhos e por me sentir um Ser de mundos infinitos.

II. O Tempo



Francis Silva. Desenho pintura 2018 Dim: 70 X 50cm

¹ Texto construído a partir do curso Afrotonizar LAB 2021

O tempo se move conforme os ventos, conforme as temperaturas, conforme as engrenagens do agora ou conforme as opções decisivas de cada pessoa. O tempo nos sacoleja e nos envolve na produção de histórias de tal forma que histórias se acumulam na vastidão desde que Deus decidiu ter o tempo. É o que Santo Agostinho (354 – 430) alegou em sua reflexão sobre o tempo na história do pensamento. Ele disse que antes da criação, Deus não tinha tempo, nada havia antes da manifestação de Deus. Fez-se o tempo para cada coisa e para cada vivente. E creio, fomos feitos para encarar suas fissuras! Passamos a estar no tempo em ebulição, atravessados por suas medidas, seus fatores fortuitos, pelo seu fardo, pelos eventos naturais, atravessamentos do percurso de cada um, sendo possível criar narrativas tantas.

E se estou nele - no tempo -, me atrevo a brincar, dentro dele, mas também fazer, ter e ver minha história. Que não nos privem de vivê-lo, que seja em paz e harmonia, que seja divertidamente ou sob tempestades.

“Inicialmente, o agravamento da covid19 nos privou de acessos intelectuais, nos limitou a micromundos de contornos, mundos às vezes ricos em afetos e mimos, às vezes pobres de matérias e obras. Ainda assim tiramos proveitos. Produzimos ideias, criamos histórias, desenhamos pandemia, pintamos isolamentos, performamos leituras, cantamos poesias, adotamos vídeos-conversas, vídeos-espetáculos, vídeos-whatsApp, whatsApp-contatos, exposições/Instagram, exposições/Facebook, lives-aulas, lives-reuniões e conferenciais, pensamos projetos e tantas outras coisas.²” (Francis Silva 2020).



Francis Silva. Fotografia - maio e junho/2020, 1- ensaio de teatro e poesia com as sobrinhas Cellina Nayla 4 anos e Hellen Julia 9 anos, 2- produção de alto-relevo.

² Francis Silva – Cartas de Artistas, 2021



Fotografia de vídeo. 1- Ação artística na praia,
2- Exposição de Cellina 4 anos, 3- Aniversário de 90 anos de minha mãe.

Cada pessoa se ilhou dentro de seu lugar fenda, mesmo os que residem nas ruas, em barcos e quaisquer outras moradias. Cada moradia foi deslocada e submetida a uma fenda no tempo. Para além disso, quando pensamos o vírus, entramos num espaço microscópico nebuloso, e a única forma de não tropeçar nele é o invólucro que precisamos vestir como proteção. O universo se recolheu e se encolheu. Faltou ar. Tivemos que nos adaptar a novos modos de ser.

O líder religioso, acostumado a fazer a celebração eucarística com a participação presencial do povo, agora se preparava para celebrar para o vazio. Não há mais coro de vozes na frente do Pároco, não há corpos, nem respirações, nem olhares, nem faces no espaço litúrgico. O Papa Francisco em sua celebração de Via Sacra se deslocou sozinho, cruzou a Praça São Pedro para a *Urbi et Orbi*³ para dá a benção extraordinária.

O vazio imperou. Meses mais tarde, para não esquecer das faces de seus fiéis, foram solicitadas fotografias, selfs impressas dos rostos das pessoas para ocuparem os bancos das igrejas. Os féis por sua vez se sentiam trasladados para aquelas celebrações através da sua imagem impressa enquanto assistia virtualmente o ato litúrgico. E depois, nos intervalos do agravamento, passou-se a entregar um número reduzido de senhas para os membros, a quantidade permitida dentro dos espaços religiosos.

Se antes era possível ouvir o “som do mundo” em quase todo o território do planeta, de repente este som foi reduzindo, se esvaindo até o “silêncio do mundo” acontecer. Calado. Sisudo. O que fez a Terra silenciar?

O rasgo no tempo não parou de produzir futuros, um deles, as mortes de cada dia, se indo neste momento, 308 mil pessoas para um outro plano, outras necessitando desesperadamente respirar, e muitas mais pessoas sentindo dores por ferimentos das perdas.

³ Missa de Semana Santa, 27 de março de 2020.

Cá de dentro de minha fenda, como artista, tomo providências de muitas coisas, entre elas a busca de um ceio ancestral para ter afirmativas, de autodeclaração. Me preparo para mergulhar muitas vezes no tempo passado para pescar pedaços, para fazer conexões. Essas conexões são muito mais sintonias com os fatos históricos familiares que um contato interrogatório com os espíritos ancestrais.



Francis Silva. Dobra - detalhe/acrílica s/tela, 2006.

Então, do tempo nos chegam tapetes mágicos flutuantes que nos convidam a ir a lugares mágicos e não mágicos, a lugares passados e futuros e nos devolvem a realidade atual. Me permito ir muitas vezes a lugares e tempos já vividos quando quero fazer mergulhos. “Um” em busca dos mistérios perdidos de mim.

Sei, os mistérios andam mesmo empareados com o tempo, já os fenômenos são dimensões que navegam nele. Vejamos. Um tapete me leva para ver um momento sublime na infância. Minha mãe termina de bater o feijão seco na vagem.

– Agora, vamos ver se há ventos lá fora para separar os grãos da palha.

Ligeiro, meu pensamento de criança faz uma busca identificativa de uma brincadeira. Que brincadeira é essa?! Penso. Lá no terreiro ela estende cuidadosamente um pano no chão, sente o ar com o rosto:

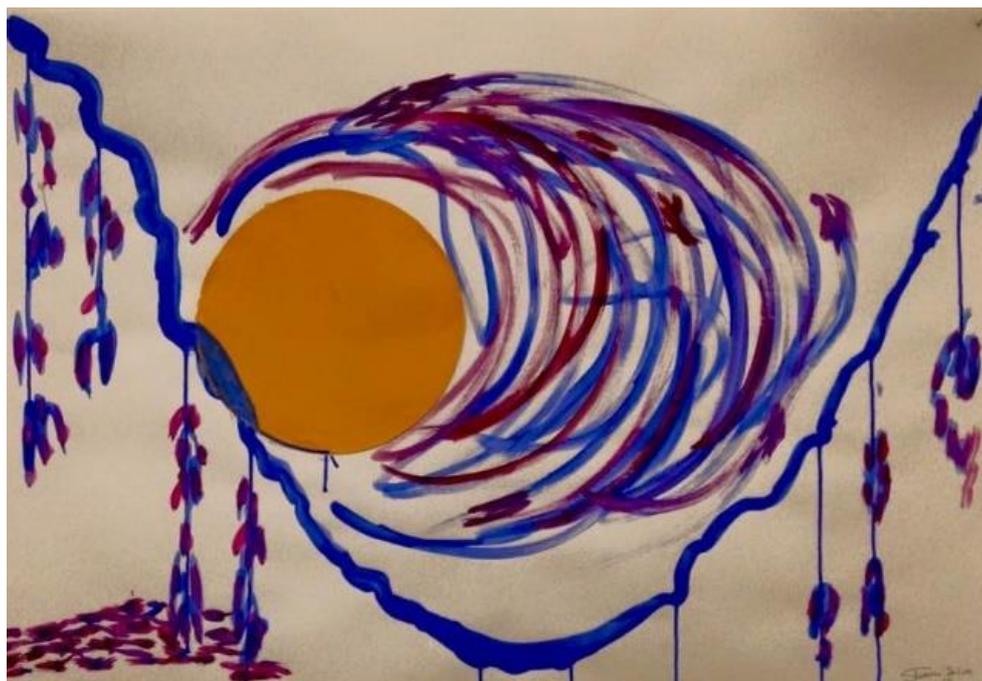
- Não há vento! Vou chama-lo!

Olha para a nascente, e inicia um assovio longo e pouco modulado. Repete o assovio por várias vezes e em pouco se inicia uma brisa. Logo vem uns tufos frescos maiores e, nesse momento, ela tem o cuidado de gritar:

– Tira as roupas do arame geente!

Ela ergue a bacia de feijão e palhas entre os seios e a cintura, e, de repente ventos em grandes escalas sopram o terreiro. Meu corpo petrificado não cabe tantos espantos. Os grãos caem no pano e as palhas voam além dele. A natureza atende ao chamado pelo vento, põe em prática um evento comum, mas fora do tempo. Assobios se misturam. É tanto sons em curvas. Para onde olhar quando céus e terra, e minha mãe produzem dimensões? Mulher e natureza partilhando suas forças em união misteriosa. E na completude, como não se encantar com tamanha grandeza?

Os deslocamentos de grandes massas de ar chegam em redemoinhos sonoros, num sobe muito alto e desce de pó, palhas, fuligens e ativa outros sentidos. Cabelos se assanham e olhos se enchem de fuligem, mas eu só quero me pasmar com tamanho espetáculo de grandeza! Quando volto a mim, minha mãe está recolhendo tudo. O céu escureceu, a chuva está caindo!



Francis Silva- Desenho tinta acrílica seca e aguada, 2018 Dim: 60 X 90cm

Abre-se as cortinas para a grande apoteose. No sertão onde o sol impera, quando chove é um acontecimento para se ver e sentir. “É bom ver chover quando estamos abrigados”⁴.

Estou em abril de 2020, na cidade de Arez RN, (14 mil habitantes) com minha família. O silêncio agora declina. Os sinos já não tocam, nem para chamadas de missas, nem para enterros, pessoas pararam de morrer naturalmente durante alguns meses. Inexplicavelmente! Já não temos as procissões de Semana Santa e *Corpus Christi*, nem festas juninas, nem desfile de sete de setembro.

É no silêncio que fazemos as viagens mais extraordinárias. Ele era algo difícil de encarar antes de dormir nos tempos de infância, num cenário de candeeiros e lamparinas, num lugar de roçados e matas, onde mitos, lendas e assombrações conviviam com os moradores. Éramos salvos desse fenômeno quando a família se ajuntava na sala às tardinhas para debulhar milho ou feijão seco e ouvir os contadores de histórias, os leitores de cordéis, piadistas, o que fosse.

E antes de dormir aqueles sons das bajas de feijão abrindo em coro ou os sons dos grãos de milho se desprendendo das espigas por fricção, as rimas dos versos da literatura e os enredos românticos, aventureiro ou fábulas das histórias, se acomodavam nos olhos no ato do adormecer. Esses sons e lembranças ficavam pendurados na cabeça e espantavam qualquer assombração intrometida que aparecesse na escuridão da noite. Pois é, nem sempre as orações funcionavam no caso do silêncio, antes de dormir.

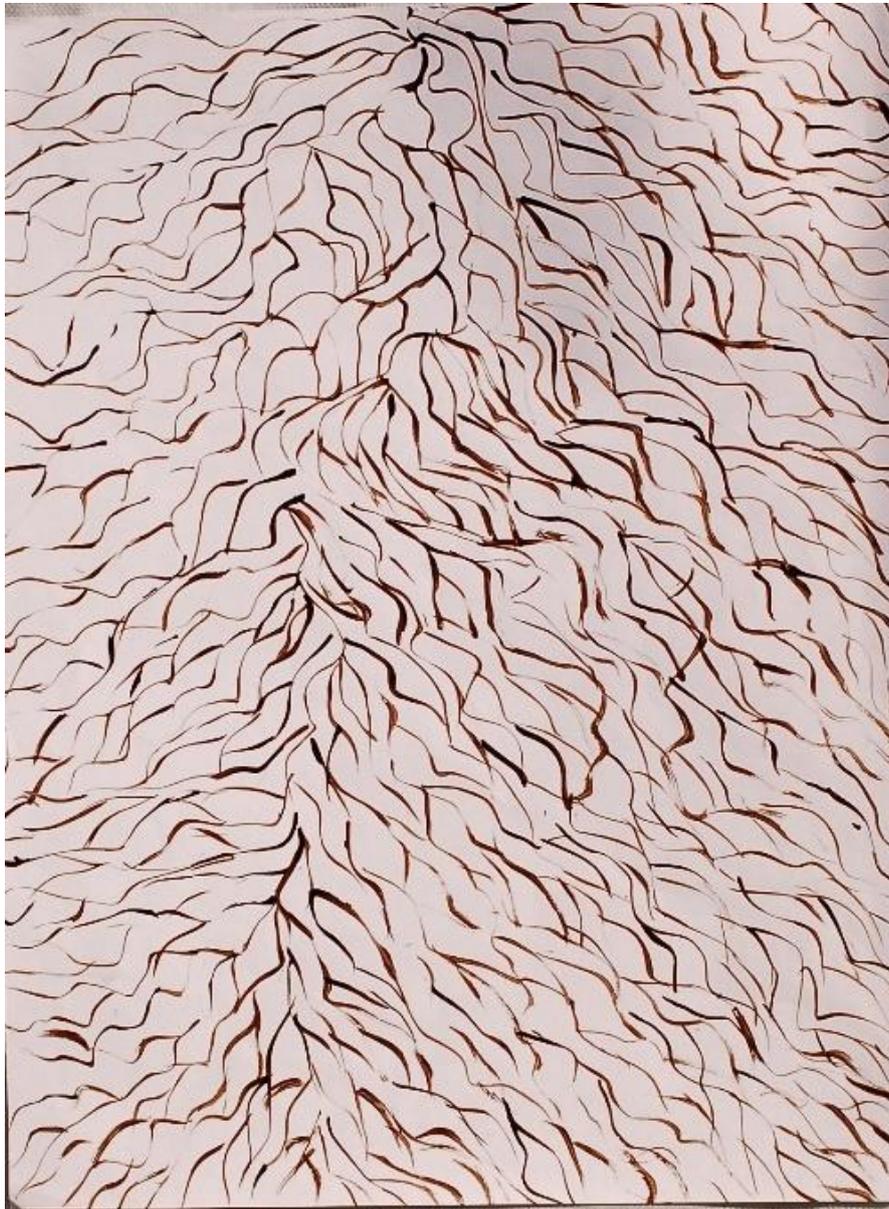


Francis Silva - Desenho acrílica s/papel 2008 Dim: 90 X 70cm

⁴ Machado de Assis, vol. I - Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
Publicado originalmente em folhetins, a partir de 06/08/1876, em O Globo

III. Da para criar uma gênese ancestral?

Às vezes, na falta de um saber das minhas origens mais distantes, torno imaginados meus ancestrais, uma forma que assegura um lugar na gênese.... O que sei de nós é tão pouco que é preciso catar nos anos desde que nasci, as histórias contadas, as conversas ditas; assim como lembrar os gestos, o comportamento, as expressões simbólicas e culturais, a fé e a religiosidade que vi, vivi e senti para traçar relações. Ser de origens diferentes ou descender de algum povo africano, de algum povo indígena, asiático ou europeu, por causa de seus sobrenomes e de suas cores, me permite as mais arrepiantes e também deliciosas experiências pessoais como artista. Com certeza não serão expressadas todas aqui, mas apresento fragmentos conforme vou alinhavando o pensamento na escrita.



Francis Silva - desenho com piche, 2007 Dim: 90 X 60 cm

Minha mãe sempre contou aqui e acolá uns pedacinhos da nossa história, meu pai menos ainda. É o que temos para ir à procura de mais. Ela contou que seu avô foi levado do RN para a Amazônia para trabalhar, lá enquanto caçava com cachorros avistou uma índia muito bonita, soltou os cães e a índia foi pega “a dente de cachorro”.

Ele trouxe a mulher provavelmente para a região mais ao sul do estado onde ficara seus familiares. Não se sabe se vieram a pé ou de navio até o porto de Natal e de alguma forma chegaram na região. Dessa união tiveram Vicência (italiano) Maria (hebraico) da Conceição (esp e port), de cor branca. Imagino que meu bisavô deveria ser igualmente branco. E por toda as situações futuras, pareceu-nos que não tiveram posses, patrimônios. Como homem branco, escolheu o nome e sobrenome da filha baseado nos nomes e sobrenomes de sua família. Sua esposa, minha bisavó, indígena, não teve nomes continuados, não teve uma vida próspera, partiu muito cedo. Não sabemos seu nome.

Vicência muito jovem, por um desvio da vida teve um filho, Antônio, o pai sumiu e causou amarguras à família. Antônio foi criado com a família do meu bisavô e recebeu sobrenome de Florêncio (italiano) Alves (esp e port). Mais tarde conheceu Francisco (francês) Sabino (italiano) Barboza (português) esse é o primeiro nome encontrado num documento de 1943, quando do arrendamento de um terreno, mais tarde aparece nos últimos documentos de minha mãe como Francisco Joaquim (hebraico) Barbosa. Sabino roubou Vicência para Santa Fé, região próxima. Tiveram quatro filhos, duas mulheres, uma loira de olhos azuis e a outra, Maria Vicência, minha mãe, de cor branca e dois homens, um claro e o outro mais indígena.

Minha mãe acumulou sobrenome desde antes do casamento até a última mudança nos documentos: ela foi Maria Vicência Barbosa, e quando casou com meu pai, Jovino (Latim) Alves da Silva (português), homem negro, passou a assinar Maria Vicência da Silva. Depois num erro do cartório eleitoral, o título de eleitor passa a Maria Francisca Barbosa.

Quando fez a identidade, colocaram erroneamente para Maria Alves da Silva e partiu daí esse sobrenome para todos os documentos dos filhos. Há uns dez anos os problemas surgiram com o registro da residência e tivemos que passar todos os documentos dela para Maria Vicência da Silva, o que implicará na mudança também no sobrenome dos filhos, passaremos ter o Vicência em vez do Alves.



Francis Silva – desenho com piche, 2007 Dim: 80 X 60cm

Os pais de meu pai são Manoel (hebraico) Alves do Nascimento (português) e Emília (grego) Inácio (etrusco) do Nascimento. Sabendo que na maioria das famílias mantinham os sobrenomes, principalmente os homens, pois a mulher ia perdendo o último sobrenome e pegando um sobrenome do marido.

A miscigenação em solo brasileiro naturalmente dissipou a formação continuada de árvores genealógicas ditas “puras”. Com isso fundem-se as origens e as práticas. Por exemplo, fico pensando no ato de rezar, orar, meditar... Rezar é uma prática diária para alguns, é feita para momentos e situações diferentes. Lembro de umas muito antigas.

Em agradecimento pelo alimento antes das refeições principais se diz:

“Bendito e louvado seja o santíssimo sacramento,
no céu me dê a glória e na terra o alimento”.

Para curar olhados, ventre caído e quebrante haviam mais de uma reza, umas que se usava três galhinhos de plantas específicas, e ou três folhas de pião roxo. Aprendi essa que apenas precisa de um sol se pondo, no caso de bebês, se

ergue ao olho do sol e movendo a criança em forma de cruz e por três vezes se pronuncia:

“Sol leva contigo,
olhado e quebrante e ventre caído
para as ondas do mar sagrado!
Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo,
amém!”

Esse ato era a salvação para muitas crianças numa época muito distante de políticas públicas, em lugares afastados dos grandes centros urbanos. Quanto era importante a manutenção da memória e das práticas técnicas e religiosas das sabenças sobre vidas e saúde. E, para a proteção durante uma viagem, na saída, se diz:

“Pai na frente,
Pai na guia.
Deus nos acompanhe, e a Virgem Maria,
amém!”

Quando deita para dormir e quando acorda:

“Com Deus me deito, com Deus me levanto,
em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo”.

Observei que nem sempre a oração ou a meditação estão no plano verbal, ou meditacional, às vezes acionamos uma via sonora, um gesto, um objeto físico oratório ou orativo para ter o desejado, a graça... Um dos muitos exemplos é o meio curativo para ressuscitar animaizinhos inanimados. Aprendemos que ao usar uma cuia de cabaço, colocar o bicho debaixo, bater circularmente várias vezes no casco da cuia, e daí a pouco eis que o vivente se ergue bom de saúde.



Francis Silva. Colagem 2018 Dim: 69 X 50cm

Então, curar é um ato humano, técnico da medicina na formação acadêmica e também um ato humano técnico, de fé e religiosidade do conhecimento popular em todos os cantos do mundo. Cada origem das benzedeadas e benzedeiros, das curandeiras e curandeiros, das parteiras, do Pajé, dos curandeiros africanos, ensinaram seus jeitos de rezar/orar ou de curar que se espalharam continentes afora.

Apesar de não ter a experiência com as religiões de matriz africana, pois minha mãe era católica e meu pai não se manifestava para lados nenhum, crescemos próximos aos centros de umbanda e macumba. Fazíamos pesquisas para a escola, costumávamos assistir os cultos quando eram abertos e espiar pelas brechas os cultos fechados. A casa em questão era ao mesmo tempo a moradia

dos mestres. Era tão humilde que as portas e janelas tinham buracos corroídos pelo tempo e fendas feitas pelos cupins. Um convite interessante para a criançada daquela rua, apesar de proibido. De que origem nos referiríamos quando convivemos com orações e rezas? Europeia? Africano? Asiático? Eu precisaria buscar quem e de onde vieram? Seria uma viagem muito acadêmica e não é esse o momento. Apenas careço de todas, pois pareço ser de todas.

Os mais velhos ensinaram a nos defender e sobreviver, caçar e pescar, plantar e colher, saber sobre o solo, pois esses ensinamentos eram fundamentais. E para tal, foi preciso também saber dos signos do tempo: os movimentos da lua, das estrelas e do sol, das marés, e dos ventos; era preciso acumular sabedorias. Tínhamos momentos de aprender as sabsenças dos mais velhos. Pai e mãe, avós, tios, tinham a grandeza diária de permitir os estudos continuados desses saberes.



Francis Silva – desenho acrílica s/papel 2016 Dim: 50 X 37cm

Meu pai era pescador, carvoeiro, descascador de cocos, agricultor de subsistência, nascido na cidade de Arez, região litorânea e hidrográfica, compondo a lagoa de Guaraíras onde se encontram o rio Jacú e o Mar Atlântico e que por vez agrega grande concentração de manguezais. Ele era jogador de futebol, amante da cultura, sabia as danças de batuque de roda, como o samba, bambelô, pau furado e capoeira, entre tantas. Era colaborador de cultura, convidava os blocos carnavalescos para entrar em casa, para contribuir com um dinheiro, água, lanche, uma tradição que estimulava e ajudava com as despesas dos coletivos folclóricos. Era um dos melhores jogadores de baralho, o relancinho, a sueca.

Às vezes quando queria brincar com a gente dava pinotes como caçote movimentando as pernas, ensaiava uns passos que era uma mistura, talvez do pagode⁵.

Se minha mãe era sensível aos signos da terra, das matas e dos astros, por estar na região das caatingas mais ao sertão, meu pai já era do agreste litoral e, portanto, era sensível aos signos das águas: mares e marés, dos astros. Ele sabia das tábuas de marés só numa olhada para a lua e para as estrelas. Como carvoeiro também desenvolveu um olfato e um olhar que seria capaz de conhecer qualquer planta e árvore pelo cheiro, textura da casca ou pela folha.

Sou fruto dessas delicadezas e dessas densidades. Mas apontaria com certeza para que origem?

A distância é uma medida com muitas relações. Se temos tantos horizontes ao nosso redor é porque estamos longe tanto fisicamente quanto visualmente dessas linhas infinitas. Meus ancestrais são horizontes infinitos. Nos distanciamos deles. Quando pensamos em corpo genético, memórias ancestrais, quando não temos precisão de quem foram nossos antepassados, é bom pensar que eles fazem parte da gênese e ficaram cada um em seu começo. Se não os temos por completo nem temos um conjunto de certezas fazemos um ajuntado de formas e indícios tradicionais que apenas apontam quem somos.

Ao juntar essas experiências diluídas, faço delas uma garapa mais doce para ser coada em panos alvos, para se tornar um corpo inacabado e descontínuo. E nesse “Corpo” permito costurar pedaços ideados, preencher os espaços vazios, me permito modelar uma escultura genealógica dessa busca afetiva. Não dá para assegurar que meu corpo pertença mais a essa que aquela etnia; a este povo ou aquela raça.

⁵ Pagode - herança das festas que aconteciam nas senzalas.



Francis Silva- desenho 2016 Dim: 40 X30cm

É possível avistar mais de uma informação étnica, ou de povos diferentes armazenados no meu DNA. Sou uma pintura feita dessas formações. Sou escultura modelada dessas partes sedutoras. Sou constituída de pedaços de muitos ancestrais.

IV. Sou um povo - Sou maior que uma pessoa

Quando me vejo uma pintura ou uma forma escultórica ancestral, constituída desde micros relatos de familiares, um conteúdo significativo de memórias e dos documentos, com as emendas de inventações simbólicas e imaginadas, que costuro aí, não me vejo uma/una, mas “multiplicidades”. Vale

comentar que as únicas invenções aqui são imaginar por enquanto que tenho genética dos etruscos, hebraicos, franceses, italianos, grega, para além de África e índio-brasileira, por causa das origens dos nomes e sobrenomes dos familiares citados.



Desenho com piche 2004 Dim: 80 X 70cm

Sabendo que foram costurados em mim momentos de alegrias, cabendo aí a providência do tecido cultural erudito e popular, as atividades como ouvir os

cantadores de viola, embolador de cocos, os teatros como o do João Redondo, teatro de roda, os folguedos como o boi de reis. Apreciava-se as touradas, os lenços de seda na cabeça, os casamentos a cavalo, e tantas outras expressões inseridas culturalmente no Brasil.

Me chega agora um tapete musical. É mais ou menos 1969, o meu tio avô, Abdias Sabino Barbosa, homem branco de olhos verdes, está cantando na casa ali na colina, sua voz é tão atraente que uma das músicas ficou colada até hoje nos meus ouvidos.

“Vamos simhora meu bem só nós dois,
Vamos morar lá na malhada dos bois.
De madrugada, quando o galo cantar
Teja pronta meu bem, que eu irei te buscá
Vamos casá, e ter filhinhos depois
Vamos fugir, meu amor, para a Malhada dos Bois”
(Luiz Gonzaga)

Meu pai chega ao fim da tarde, lava os pés dentro de um alguidar, calça um chinelo de couro e chama suas crianças para um abraço e uma brincadeira cantada. Abraça cada uma, segurando forte pelos sovacos e cantando uma cantiga para cada uma, estimulando a dançar:

Parangolé
Rep. Parangolé
Parangolé
Parangolé

E agora minha vez, eu abraço meu pai. Está suado, a pele queimada do sol e cheirando a terra, e, de suas calças remendadas sobem cheiros dos matos e capins que tocou nas passadas ao longo do dia. Ele me segura por baixo dos meus braços, suas mãos estão grossas e calejadas. Num ritmo de Coco de Zambê eu pulo, pulo e sapateio.

Baraquatiquasqualaclosclulicos
Baraquatiquasqualaclosclulicos
Baraquatiquasqualaclosclulicos
Baraquatiquasqualaclosclulicos

E segue outra cantoria para a outra irmã. Às vezes canta o Parangolé para todos, às vezes canta para cada um uma música que inventa. Felicidades! Dava para esperar a noite vir para ouvi-lo cantar: “Lua, oh lua, querem te passar pra trás. Lua, oh lua, querem te roubar a paz! Lua, oh lua, não deixa ninguém te pisar. Lua que no céu flutua, lua que nos dá luar. Lua, oh lua não deixa ninguém te pisar.

Todos eles estão errados, a lua é dos namorados⁶. Ou ouvir minha mãe puxar cantigas de ninar para a gente dormir.

Éramos cantantes naturais, cantávamos muito, desde as cantigas de trabalhos, as ladainhas, os hinos católicos, e os estilos todos que nos chegavam por meios diversos. Minha mãe cantava muito bem, desde sua infância, estava acostumada a cantar na capela com suas amigas. Na verdade, Santa Fé RN, onde nasci é um arruado de pessoas que cantavam bonito.

Estamos numa procissão agora, na cidade de Arês, cidade atual onde a família mora, estou muito distante da minha mãe e quando começam a cantar posso escutar a voz dela ecoando muito longe. É a voz mais alta e de boa sonoridade de toda aquelas grandes fileiras de pessoas. A procissão já vai dobrando a esquina a quatro quadras à frente e ainda se escuta sua voz. Além disso éramos exímios assobiadores.

Assoviar era a sofisticação sonora e primorosa do dia, e indispensável durante e enquanto se realizavam tarefas tanto em casa, no roçado, na pesca, quanto na caça, no banho, se deslocando...

- A noite não. - Nunca se assovia a noite, nunca! Nunca assovie de noite minha filha! Atrai a Caipora e o Curupira, entidades encantadas e assombrosas. Você não viu o cavalo de Zé Vitor com a crina e o rabo todo eninhados? Ninguém consegue desininhar. Foi ela, a que nem se pode dizer o nome, que fez aquilo no cavalo. Arrepios. – Se ouvir a noite, um assovio muito perto é porque ela está longe, quando o assovio está se indo para longe é porque ela está bem perto. (Fala dos mais velhos)

Treze anos mais tarde, presenciei um evento desses enquanto estava de férias na casa de uns parentes num lugar próximo as matas. Numa certa noite, quase à meia noite, ouvi exatamente todo o evento lendário e misterioso como fora descrito. Assovios perto, assovios longe, cachorros latiam desesperadamente e os cavalos relinchavam muito assustados. De manhã os cachorros estavam esquisitos e os cavalos com crinas e caldas trançadas de modo assustador.

A memória está sempre em visitação a algumas práticas simbólicas, para sentir ou sintonizar, para fazer conexões, um brincar de delimitar um certo ponto de começo da dita árvore genealógica. É buscar presença, presença como potência de reexperiências.

Um tapete afro-indígena me leva muito cedinho dos dias de um tempo. A mãe junta suas crianças, oferece um leite com mastruz, estimula uma corrida de 70 metros em descida até o riacho para um banho curativo.

⁶ Música de Angela Maria - 1960

- É para evitar doenças e gripes, dizia ela.

Já íamos desnudos para facilitar o tibunço na água. Com o riacho raso, a água ficava muito bardiada, e então, do riacho seguíamos até o açude pelo sangradouro para que ali a mãe pudesse ensinar a todos, os principais nados. Na volta para casa, com o sol já alteado e nos afogueando, podíamos comer o que houvesse de frutas no roçado.



Fotografia 2016. Maria Vicência, Hellen Julia e Maria Juliane - acervo particular

E sobre esse ambiente de criação fui levada muitas vezes, através de relatos e de ensinamentos, através de sonhos ou de imaginações a mundos espirituais, celestiais, purgatoriais e mundos terrenos.

O pecado era uma dimensão que permitia a sujeira e a limpeza espiritual, pois através do pecado conhecíamos a incapacidade, a fraqueza, ações e omissões e também a responsabilidade, misericórdia, o perdão, entre outros

valores que compõe nosso caráter. O purgatório era o consolo para o caso de cometer um pecado que por certo não seria grande. Porque ir para o inferno seria aterrorizante. A honestidade a fidelidade e a obediência a Deus, e aos mais velhos nos permitia ser figuras renitente e penitente ao mesmo tempo.

A inteligência do tempo bordando a história, tenta explicar minhas dimensões. Por outro lado, numa façanha do ver e aprender, obedecer, plantar e colher, se defender e sobreviver, que de outra maneira meu ser seria diferente. – Os bordados diversos em mim me dizem que sou feita das águas, sou feita do milho e da mandioca. Tenho a fragilidade do barro da terra, a transparência dos mistérios encantados. Tenho a clorofila das matas, tenho a alma do sol e a sonoridade dos ventos.

Sou um Povo, sou maior que uma pessoa.

V. Ser do infinito



Francis Silva Desenho 2008 Dim: 60 X50cm



Francis Silva - Desenho com piche 2006 Dim: 80 X 60cm

“O processo cultural é um movimento humano em constante rebuliço. Interessamo-nos por diversidades: formas e movimentos, cores e sons, climas e astronomia, tecnologias e virtualidade, saúde e religiões, literaturas e artes, e tantas outras coisas. É assim que vejo parte do mundo. Um destes mundos contempla todos os outros, cabe todos os outros: o mundo da Arte. Assim aponta Gilles

Deleuze em Proust e os signos: “Graças a arte, em vez de contemplar um só mundo, o nosso, vemo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem, mais diversos entre si do que os que rolam no infinito...” (Francis 2009)⁷.

Sou desse mundo da arte e meu aprendizado se constitui tanto das experiências dramáticas, das durezas tanto quanto das potências culturais sensíveis. Às vezes é preciso ter um corpo penitente para consagrar-se e alcançar o verbo... Volto a léguas nos anos para estar com minha mãe num tarugo de viveiros de peixes, numa maré demasiada cheia, e com lamaçal profundo. Vozes desesperadas ao longe gritando:

- Mariaaaa! Mariaaaa! Olha os bois brabooooos! Se protejaaaam! Mergulhem no viveiiiiiro! Corram daiiiii!...

Minha mãe sabia nadar muito bem, sete nados ela sabia, e seria capaz de atravessar um rio de um lado a outro com um touro nos ombros. Mas nada. Ela se prepara, concentra-se.

Estamos próximas a uma curva no manguezal, não dá para ver o gado vindo, mas escutamos os sons estrondosos dos cascos. Os tarugos começam a estremecer e ainda não vemos a manada. Minha mãe nos afasta para o lamaçal, ali com os pés fincados até os joelhos, abre caminho para o gado passar.

- Minha filha fique aqui bem atrás, se segure bem em mim!

Voz calma, tranquilizadora. Há em mim um fiapo de fé, e uma linha de confiança, um fio dourado que me liga a essa mulher que vejo tantas vezes, sua capacidade de força e de mistério. Mas o coração teme por nós duas e bate como o coração de um bem-te-vi, morrendo antes do ataque que está por vir. Os gritos dos homens - cuidado com o gado... está se esvaindo. Me ocupo de outros sentidos para sobreviver. Tento rezar.

Estamos há uns palmos da borda seca do tarugo que não tem quatro metros de largura, espaço seco por onde a boiada vai passar. E lá na curva surge a avalanche de gados, uma massa branca, vem numa velocidade feroz, é hora de se recolher nos currais. Minha mãe ainda olha para o alto céu, faz o sinal da cruz, e só então olha paciente para o lado de onde vem o gado a uns 30 metros, concentra-se nos olhos dos quatro touros da frente. A avalanche chega mais perto, ela os olha nos olhos, um lance de ternura.

⁷ Francis silva – Os comedores de cores 2009.

- Quando jesus nasceu nem boi nem vaca remeteu!
Quando jesus nasceu nem boi nem vaca remeteu!
Quando jesus nasceu nem boi nem vaca remeteu!
Passe meu filho, passe meu filho!

Abro meus olhos porque tudo estremece num abalo sísmico. Vejo touros gigantes freando e se empilhando em cima uns dos outros, entre urros, berros, mugidos, numa pirâmide muito alta há uns quatro metros da gente. Avisto um muro brilhante, transparente e atrás do muro o rebanho desvia pelo lado oposto, na nossa frente.

- Passe meus filhos! Passe meu filho! Passe minha filha!...
- Quando jesus nasceu nem boi nem vaca remeteu!
Quando jesus nasceu nem boi nem vaca remeteu!
Passe meus filhos! Passe minhas filhas!

Nenhum deles atravessa o muro cintilante. Fazem um desvio pela lama afundante. E repetidamente:

- Quando jesus nasceu nem boi nem vaca remeteu!
Quando jesus nasceu nem boi nem vaca remeteu!
Passe meus filhos! Passe minhas filhas!
()

Passou o último touro brabo!

As experiências espirituais e humanas não se apagam do corpo, elas crescem com a gente. Nasci de cidadãos do infinito, neta, bisneta e trineta de povos multiculturais, com nomes e sobrenomes de origens continentais, e, então, nascida das multiplicidades genéticas.



Francis Silva – desenho com piche 200 Dim: 80 X 70cm

Sou feita de pedaços. Modelada com as múltiplas células ancestrais. Criada na profusão entre as trocas erudita e popular em tecido afro-indígena. Realidade parecida a tantas outras vidas brasileiras. O ser e fazer, um ser de criação. E nesses mundos... Sou cidadã do infinito....

VI. Desintegração das origens

“Na era inicial dos pensamentos, uma figura humana levanta-se do chão, caminha até os fundos mais escuros de uma caverna para sentir os cheiros de lá. A figura escolhe um cheiro dentre tantos e avança na direção dele; - é um barro fresco. Toca o barro, arranca um punhado e leva à boca, prova um pouco daquela

matéria enquanto retornava para a parte alumiada do espaço. Estando na luz, descobriu 'a cor'; um barro muito avermelhado em relação ao que agora vê na parede enxuta do espaço.

A porção em sua boca lhe causa estranhamentos, então, recolhe da boca ajuntando ao que está em suas mãos. A coisa que saiu de sua boca agora é outra coisa, e se espanta: é um vermelho mais intenso. No ato de molhar aquela cor, percebeu a mudança do vermelho. Ao movimentar os dedos entre o barro, percebeu que havia junto ao vermelho uma impureza escura; e o tanto que se molhou no contato com a boca, também mudara de cor. Um tanto, ao ser movimentado pelos dedos, se misturou com o vermelho e transformaram-se numa só, e outra cor.

O artista primitivo em suspensão e arrepios viu o tempo acontecendo; havia transformado a natureza. Sentiu que por todo seu corpo crescia de forças, enchia-se de graça com tudo e ao redor, com a codificação e visão de mais seis vermelhos diferentes.” (Francis 2003)



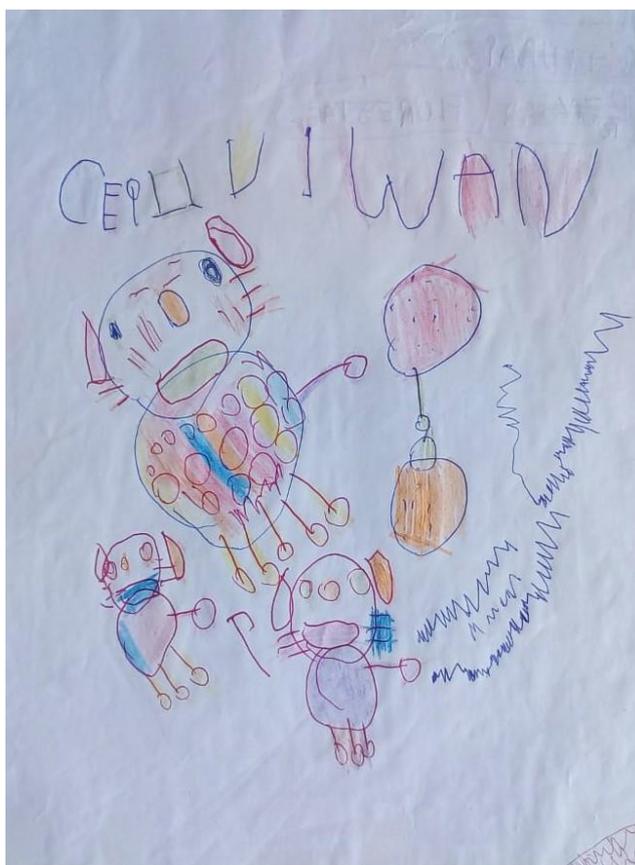
Francis Silva. Desenho 2016 Dim: 56 X 40cm

É Dalí que vim; da era inicial do pensamento, quando cor, tom e pele se misturaram. Por isso o desejo de saber sobre os ancestrais foram aguçados desde a adolescência, mas os relatos familiares não tiveram robustez suficiente para criar uma visão históricas e simbólicas ancestral. Como é nascer de um pai negro de região litorânea, com um parentesco de todos os tons e características diversas? E uma mãe da região mais ao sertão, de pele branca que teve um avô e um pai de origem italiana, uma avó de origem indígena? O corpo tem o pertencimento dos vários povos e etnias. E o que temos é a desintegração das origens.

E nessa colcha de retalho, os bordados vão se sobrepondo em futuros cada vez mais diluídos. Então é melhor manter o sentimento de pertencimento das ancestralidades porque se não há relatos nem escritos tudo se desmanchou no ar. Há origens que são como horizontes, estão longe. E eu me declaro feita de pedaços de mundos.

VII. Novas maneiras de ser

A disseminação do Covid causou tanto alarde e alerta mortal às civilizações, que estupefatas se resguardaram; provocou uma “curva no tempo”. Formou um remanso onde todas as grandezas humanas se puseram em aprovações de resistência. As nações acostumadas a seguir os fluxos caudalosos de seus rios sociais, individuais ou coletivos, precisaram suavizar no remanso; para um cuidado de si e por uma incógnita de tempo. Um contingente passou a rogar por respirar e outro, se doa para salvar.



Celina Naylla minha sobrinha de 4 anos
Título - Vá embora Coronavírus! Desenho abril de 2020 Dim: 40 X 30cm

(525,229 mil mortos por Covid. 06/07/2021)

Nesse resguardo, o artista que tudo vê, ouve e sente precisou acessar os novos modos de ser, acessou novos pontos de partidas, desde se ocupar de uma busca ancestral e escrever sobre o acessado das memórias e dos relatos. Olhando para traz entendendo que algumas famílias tiveram muito cuidado em contar para seus filhos detalhes sobre seus antepassados numa tentativa de proteger seus filhos de ações escravagistas. Pouco se conversava em público sobre quem éramos. As certidões de batismo e de nascimento, pouco identificavam ou apontaram sobre essa questão. Sei que pouco sobre meus avós indígenas, avós africanos, avós europeus e é isso que estou numa busca agora. Mas sabendo que não há mais uma genética dita pura.

O artista acessou novos pontos de partida na pintura, no desenho, na performance, nas tecnologias, nos discursos e nos conceitos etc. Das janelas os artistas cantaram e tocaram para os profissionais da saúde tomados do sísmico número de contaminados nos hospitais para salvarem. Mas para além da janela, como a “Caverna” de Platão providenciamos novos pontos de fugas. Cartas de artistas e pedidos de socorro foram feitos por Francis Silva, Rejane Brayer e Zenilda Cardozo para ir pro mundo.

Projeto **Cartas de Artistas**
Escritas de Arte, Processos em Tempo de Isolamento Social

Arquipélago Casa Atelier Espaço de Arte



Francis Silva Rejane Brayer Zenilda Cardozo

Coletivo: Francis Silva
Rejane Brayer
Zenilda Cardozo #zcardozoateliê

Card 2021

Precisamos dessa façanha do ver e aprender para seguir nessas pegadas do futuro, pois de outra maneira nosso ser seria diferente e destinado a se encolher. Somos seres do fazer - seres de criação. Sinto-me engenhosa de minhas ideias, vivente de meus sentidos, criadora de meus desejos.

É importante dizer que esses diálogos hoje, e a excelência desse projeto Afrotonizar sacoleja nossa consciência ao lembrar que fomos apagados pela armadilha colonial. Produz um reboiço dentro da gente para emitir um grito ao infinito, um grito coletivo, mas que retorna ao nosso corpo e nos aponta para mover a terra porque estamos nela e precisamos dela, mesmo que seja num profetizar, e num profetizar constantemente.



Imagem capturada em uma das aulas Afrotonizar 2021

“Todo este movimento do pensar e fazer se entranha aos valores culturais, e me interessa a continuidade deste pensar e fazer⁸”. (Francis 2009)

⁸ Francis Silva. Texto: O ser e fazer - Ser de criação, 2009